

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor

Alvaro Toubes Prata

Vice-Reitor

Carlos Alberto Justo da Silva

EDITORA DA UFSC

Diretor Executivo

Sérgio Luiz Rodrigues Medeiros

Conselho Editorial

Maria de Lourdes Alves Borges (Presidente)

Carlos Eduardo Schmidt Capela

Ione Ribeiro Valle

João Pedro Assumpção Bastos

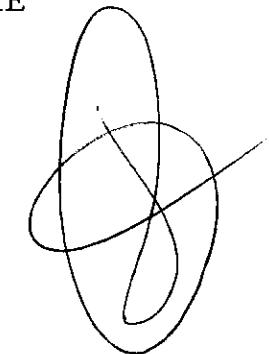
Luís Carlos Cancellier de Olivo

Maria Cristina Marino Calvo

Miriam Pilar Grossi

Rosana Cássia Kamita

STÉPHANE MALLARMÉ



DIVAGAÇÕES

Tradução e Apresentação

Fernando Scheibe

Editora UFSC

Campus Universitário – Trindade

Caixa Postal 476

88010-970 – Florianópolis – SC

Fones: (48) 3721-9408, 3721-9605 e 3721-9686

Fax: (48) 3721-9680

editora@editora.ufsc.br

www.editora.ufsc.br





QUANTO AO LIVRO

A AÇÃO RESTRITA

Várias vezes veio um Camarada, o mesmo, esse outro, confiar-me a necessidade de agir: que visava ele – como a expedição em minha direção anunciou de sua parte, também, a ele jovem, a ocupação de criar, que parece suprema e dar certo com palavras; insisto, o que intentava ele expressamente?

Distender os punhos, em ruptura de sonho sedentário, para um tripudiante face a face com a ideia, assim como uma vontade toma ou se mexer: mas a geração parece pouco agitada, além do desinteresse político, pela inquietação de extravagar do corpo. Excetuada a monotonia, certamente, de enrolar, entre os jarretes, sobre a calçada, segundo o instrumento em alta, a ficção de um deslumbrante trilho contínuo.

Agir, sem isso e para quem não faz começar o exercício em fumar, significou, visitante, compreendo você, filosoficamente, produzir sobre muitos um movimento que lhe dê em retorno a comoção de que você foi dele o princípio, logo você existe: do que ninguém se crê, previamente, seguro. Esta prática comprehende dois modos; ou, por uma vontade, à revelia, que dura uma vida, até a explosão múltipla – pensar, isto: senão, os escoadouros ao alcance agora numa previdência, jornais e seu turbilhão, aí determinar uma força num sentido, qualquer por diversos contrariada, com a imunidade do resultado nulo.

A gosto, segundo a disposição, plenitude, pressa.

Seu ato sempre se aplica a papel; pois meditar, sem traços, torna-se evanescente, nem que se exalte o instinto em algum gesto veemente e perdido que você buscou.

Escrever –

O tinteiro, cristal como uma consciência, com sua gota, no fundo, de trevas relativa a que alguma coisa seja: depois, afasta a lâmpada.

Você notou, não se escreve, luminosamente, sobre campo obscuro, o alfabeto dos astros, só ele, assim se indica, esboçado ou interrompido; o homem prossegue preto sobre branco.

Essa dobra de sombria renda, que retém o infinito, tecida por mil, cada um segundo o fio ou prolongamento ignorado seu segredo, reúne entrelaços distantes onde dorme um luxo a inventariar, estrige, nó, folhagens e apresentar.

Com o nada de mistério, indispensável, que permanece, exprimido, algum pouco.

Não sei se o Hóspede perspicazmente circunscreve seu domínio de esforço: será de meu agrado marcá-lo, também

certas condições. O direito a algo realizar de excepcional ou que falte às manobras vulgares, se paga, em qualquer um, pela omissão de si e dir-se-ia pela sua morte como um tal. Façanhas, ele as comete no sonho, para não incomodar ninguém; mas, ainda, o programa permanece afixado para aqueles que não se importam.

O escritor, de seus males, dragões que ele mimou, ou de uma alegria, deve se instituir, no texto, o espiritual histerião.

Tablado, lustre, obnubilação dos tecidos e liquefação de espelhos, na ordem real, até os saltos excessivos de nossa forma velada em torno de uma sentença, de pé, da viril estatura, um Lugarse apresenta, cena, majoração diante de todos do espetáculo de Si; aí, em razão dos intermediários da luz, da carne e dos risos, o sacrifício que lhe faz, relativamente a sua personalidade, o inspirador, resulta completo ou é, numa ressurreição estranha, terminado por este aqui: de quem o verbo repercutido e vão doravante se exala pela quimera orquestral.

Uma sala, ele se celebra, anônimo, no herói.

Tudo, como funcionamento de festas: um povo testemunha de sua transfiguração em verdade.

Honra.

Procurem, onde há, alguma coisa de semelhante – Será ele reconhecido nesses imóveis suspeitos destacando-se, por uma sobrecarga no banal, do comum alinhamento, com pretensão a sintetizar os fatos diversos de um bairro; ou, se algum frontão, segundo o gosto divinatório francês, isola, sobre uma praça, seu espectro, eu saúdo. Indiferente a que, aqui e lá, verta-se como ao longo de tubos, a chama de línguas reduzidas.

Assim a Ação, no modo em que se conveio, literário, não transgride o Teatro; limita-se a ele, à representação – imediato

esvanecimento do escrito. Termine, na rua, outra parte, isso, a máscara cai, não tenho a fazer com o poeta: perjure seu verso, ele não é dotado mais que de fraco poder por fora, você preferiu alimentar o saldo de intrigas cometidas ao indivíduo. De que serve precisar-lhe, criança sabendo-o, como eu, que dele só conservei noção por uma qualidade ou um defeito de infância exclusivos, esse ponto, que tudo, veículo ou colocação, agora oferecido ao ideal, lhe é contrário – quase uma especulação, sobre seu pudor, pelo seu silêncio – ou defeituoso, não direto e legítimo no sentido que agora mesmo quis um impulso e viciado. Como jamais mal-estar basta, esclarecerei, seguramente, com digressões próximas no número que será preciso, essa recíproca contaminação da obra e dos meios: mas anteriormente não conveio ele espaçosamente em se exprimir, assim como um cigarro, por jogos circunvolutórios, cujo vago, pelo menos, se traçasse sobre a luz elétrica e crua?

Um delicado, espero-o, padeceu —

Exteriormente, como o grito da extensão, o viajante percebe a aflição do apito. "Sem dúvida" ele se convence: "atravessamos um túnel – a época – aquele, longo o derradeiro, arrastando-se sob a cidade antes da estação todo-poderosa do virginal palácio central, que coroa." O subterrâneo durará, ó impaciente, seu recolhimento para preparar o edifício de alto vidro enxugado por um voo/furto da Justiça.

172 |

O suicídio ou abstenção, nada fazer, por quê? – Única vez no mundo, porque em razão de um acontecimento sempre que explicarei, não há Presente, não – um presente não existe.. Por falta de que se declare a Massa, por falta – de tudo. Mal informado aquele que se gritaria seu próprio contemporâneo, desertando, usurpando, com impudência igual, quando o passado cessou e que tarda um futuro ou que os dois se remesclam perplexamente em vista de mascarar o afastamento. Fora dos *premier-Paris*

encarregados de divulgar uma vez no quotidiano nada e imperitos se o flagelo mede seu período por um fragmento, importante ou não, de século.

Assim guarde-se e esteja aí.

A poesia, sagra(ção); que tenta, em castas crises isoladamente, durante a outra gestação em curso.

Publique.

O Livro, onde vive o espírito satisfeito, em caso de mal-entendido, um obrigado por alguma pureza de folgado a sacudir o grosso do momento. Despersonalizado, o volume, tanto quanto a gente se separa dele como autor, não reclama aproximação de leitor. Tal, saiba, entre os acessórios humanos, ele tem lugar totalmente só: feito, sendo. O sentido sepultado se move e dispõe, em coro, das folhas.

Longe, a soberba de colocar em interdito, mesmo quanto aos faustos, o instante: constata-se que um acaso aí denega os materiais de confrontação a alguns sonhos; ou ajuda uma atitude especial.

Você, Amigo, que não deve ser frustrado de anos porque paralelos ao surdo labor geral, o caso é estranho: peço-lhe, sem julgamento, por falta de considerantes súbitos, que você trate minha indicação como uma loucura, não o proíbo, rara. Entretanto tempera-a já essa sabedoria, ou discernimento, se não vale mais – arriscar sobre um estado no mínimo incompleto circundante, certas conclusões de arte extremas que podem explodir, diamantariamente, nesse tempo para sempre, na integridade do Livro – jogá-las, mas e por uma triunfal inversão,

173

com a injunção tácita que nada, palpitando no flanco insciente da hora, nas páginas mostrado, claro, evidente, a encontre pronta: ainda que não seja talvez uma outra em que deva iluminar.

À VENDA

Assim nem mesmo; não foi: ingênuo, começava a me comprovar nisso. Um semestre passou o esquecimento; e abunda, floresce, se difunde nossa produção literária, como geralmente.

Uma notícia correu, com o vento de outono, o mercado, e voltou para as árvores desfolhadas só elas: tiram vocês daí um retrospectivo riso, igual ao meu; tratava-se de desastre na livraria, rememorou-se o termo de "krach"? Os volumes se amontoavam no chão, o que não se dizia? invendidos; por causa do público que se desabituava de ler provavelmente para contemplar diretamente, sem intermediário, os pores-do-sol familiares à estação e belos. Triunfo, desespero, como nesses res do céu, de par, no alto comércio de Letras; tanto que, suspeito de um reclame anexo ao sobressalto, em razão disso e eu não saberia por que senão, que o romance, produto aceito corrente, reivindicou interesse como atingido pela calamidade.

Ninguém fez alusão aos verso.

Nada omitido nessa farsa (importância, consultas e gestos) do que significava que a gente ia então ser, graças ao ideal, assimilado aos banqueiros decepcionados, ter uma situação sujeita às baixas e aos revezes, na praça: aí fincar um pé, quase levantando-o.

Não: parece que não, bazofia; é preciso dar um desconto.

A mercadoria mental, como uma outra, indispensável, guarda seu curso e chego de uma manhã, lá fora, de primavera, encantado assim como todo cidadino pelo pouco de embriaguez da rua; não tendo, no trajeto, experimentado, senão diante das modernas mercearias ou sapatarias do livro, uma preocupação, mas aguda e que proclama a arquitetura solicitada, por esses bazares, à construção de pilhas ou de colunas com sua mercadoria.

O lançamento ou a difusão anuais da leitura, outrora o inverno, avança agora até a soleira do verão: como o vidro que colocava, sobre a aquisição, um frio, cessou; e a edição em pleno ar rebenta seus pacotes em direção à mão para o longínquo enluvada, da compradora pronta a escolher uma brochura, a fim de colocá-la entre seus olhos e o mar.

Interceptação, notem —

O que para o Extremo Oriente, a Espanha e deliciosos iletrados, o leque, à diferença apenas que essa outra asa de papel mais viva: infinitamente e sumária em seu desdobramento, esconde o lugar para trazer de novo contra os lábios uma muda flor pintada como a palavra intacta e nula do devaneio pelos batimentos aproximada.

Assim também acredo, poeta, para meu prejuízo, que ali inscrever um distico é demais.

Esse isolador, com por virtude, móvel, renovar a inconsciência da delícia sem causa.

*Não o viver como é, mas
viver como é que é.*

O volume, designo aquele de narrativas ou o gênero, procede ao inverso: contraditoriamente evita a lassidão dada por uma frequentação direta de outrem e multiplica o cuidado para que um não se encontre face a face ou perto de si mesmo: atento ao perigo duplo. Expressamente, não nos desprende, não nos confunde e, por oscilação destra entre essa promiscuidade e o vazio, fornece nossa verossimilhança. Artifício, tal romance, como o que toda circunstância em que se precipitam fictícios contemporâneos, por extrema essa não apresenta nada, quanto ao leitor, de estranho; mas recorre à uniforme vida. Ou, não se possui senão semelhantes, também em meio aos seres que há como, lendo, imaginar. Com os caracteres iniciais do alfabeto, dos quais cada como tecla sutil corresponde a uma atitude de Mistério, a astuciosa prática evocará certamente pessoas, sempre: sem a compensação de que fazendo-as tais ou emprestadas aos meios meditativos do espírito, elas não importunem. Essas irritantes (a quem, a porta tão logo do reduto caro, não a abriríamos) pelo fato de páginas entreabertas penetram, emanam, se insinuam: *e compreendemos que somos nós.*

Eis o que, precisamente, exige um moderno: mirar-se, qualquer – servido por seu obsequioso fantasma tramado pela palavra pronta para as ocasiões.

Enquanto havia que, a linguagem reinando, primeiro afiná-la segundo sua origem, para que um sentido augusto se produzisse: no Verso, distribuidor, ordenador do jogo das páginas, mestre do livro. Visivelmente seja que apareça sua integralidade, em meio às margens e ao branco; ou que ele se dissimule, nomeiem-no Prosa, não obstante é ele se permanece alguma secreta perseguição de música, na reserva do Discurso.

Ora, não interromperei um desígnio, de discernir, no volume, cujo consumo se impõe ao público, o motivo de seu uso. Quem é (sem a preocupação de que a literatura valha para esse efeito, mas pelo contrário) incontinente em reduzir o horizonte e o espetáculo a uma média baforada de banalidade, escritural,

essencial: proporcionada ao bocejo humano incapaz, só de haurir-lhe o princípio, para o emitir. O vago ou o comum e o frusto, mais que os banir, ocupação! Aplica-los a si como um estado: do momento em que a muito simples coisa chamada alma não consente fielmente em escandir seu voo de acordo com um folgado inato ou segundo a recitação de alguns versos, novos ou sempre os mesmos, sabidos.

Um comércio, resumo de interesses enormes e elementares, aqueles do número, emprega a prensa, para a propaganda de opiniões, o narrado do fato diverso e isso se torna plausível, na Imprensa, limitada à publicidade, parece, omitindo uma arte. Não desaprovo senão o retorno de alguma trivialidade ao livro primitivo que partilhou, em favor do jornal, o monopólio dos utensílios intelectuais, talvez para aí se descarregar. Antes a Imprensa, entre nós somente, quis um lugar para os escritos – seu tradicional folhetim na parte inferior da página por muito tempo sustentou a massa do formato inteiro: assim como nas avenidas, sobre a frágil loja resplandecente, vidraças com cintilação de bijuterias ou pela nuance de tecidos banhadas, seguramente pousa um imóvel pesado de andares numerosos. Melhor, a ficção propriamente dita ou o relato, imaginativo, brinca através de “quotidianos” afreguesados, triunfando a lugares principais, até o topo; desaloja daí o artigo de fundo, ou de atualidade, que passa a parecer secundário. Sugestão e mesmo lição de alguma beleza: que hoje não é somente o substituto de ontem, pressagiando amanhã, mas sai do tempo, como geral, com uma integridade lavada ou nova. O vulgar painel gritado como se impõe, todo aberto, na esquina, sofre esse reflexo, assim, de qual céu emanado sobre a poeira, do texto político. Tal aventura deixa indiferentes alguns porque, imaginam eles, num pouco mais ou menos de raridade e de sublime quase no prazer sentido pelas pessoas, a situação se mantém quanto ao que, só, é precioso e alto, desmesuradamente e conhecido pelo nome

de Poesia: ela, sempre permanecerá excluída e seu frêmito de voos em outra parte que as páginas é parodiado, não mais, pela envergadura, em nossas mãos, da folha apressada ou vasta do jornal. A medir a extraordinária superprodução atual, em que a Imprensa cede seu meio intelligentemente, a noção prevalece, entretanto, de alguma coisa de muito decisivo, que se elabora: como antes de uma era, um concurso para a fundação do Poema popular moderno, pelo menos de *Mil e uma noites* inumeráveis: de que uma maioria leitora súbito inventada se maravilhará. Como a uma festa, assistem, vocês, de agora, aos acasos dessa fulminante realização! Se não a intensidade do aquecimento notoriamente ultrapassa um consumo do dia a dia.

Muito simplesmente termina um passeio por essa divagação sem objeto, a não ser determinar um sentimento tenuíssimo mas exato, em muitos, entre aqueles do presente; a quem, de resto, com precaução, referi. Seu mal-estar, é muito! incômodo — fá-los-ia, esses letreados, mais que ao grito dos jornais, apressar o passo ou desviar a vista diante de um encanalhamento do formato sagrado, o volume, a nosso gás de iluminação; que dele parece a língua a nu, vulgar, dardejada sobre a esquina.

A butique aumenta, também, a hesitação em usar, com o mesmo contentamento que outrora, de privilégios, no entanto deles, ou publicar.

Nada em seguida; e como isso não leva a consequência alguma!

O personagem, de que se cuida (ao menos exige-se que ele esteja em alguma parte, longe e não se o escutou imediatamente),

se faz adivinhar: ele não busca facilidade ordinária ou ao alcance, seu nome turbilhona ou se eleva por uma força própria jamais em relação com as combinações mercantis.

Uma época sabe, de ofício, a existência do Poeta.

A fim de contar, por seus rostos, seus convidados, ele não apresentaria senão intimamente o manuscrito, ele é célebre! Folhas de holanda antiga ou em japonês, ornamento de consolos, na sombra; nem o que quer que seja, decidindo o impulso extraordinário na abstenção de qualquer anúncio, o fato tem lugar, ou o milagre. Nenhum jovem amigo, até no recuo da província, nessa hora — que, silenciosamente, dele não se instrua. A sonhar, é, a acreditar, o tempo justo de refutá-la, que a rede das comunicações omitindo algumas informações as mesmas diárias, tenha ativado, espontaneamente, seus fios, para esse resultado.

Vejam só! ou para recair em meu início, levando a seus confins uma ideia devolvesse ela aí explodir em modo de paradoxo.

O descrédito, em que se coloca a livraria, tem a ver, menos com uma parada de suas operações, não o descubro; que com sua notória impotência para com a obra excepcional.

O autor, a melhor sorte ou um medíocre deslumbramento monetário seria, para ele, o mesmo; com efeito: porque não existe diante dos escritos afreguesados, ganho literário colossal. A metalurgia leva a melhor sobre ele nesse ponto. Posto ao pé do engenheiro, torno-me, imediatamente, secundário: tão preferível era uma situação à parte. Para que traficar aquilo que, talvez, não se deva vender, sobretudo quando isso não vende.

Como o Poeta tem sua divulgação, da mesma forma ele vive; fora e à revelia da colocação de cartazes, do balcão prostrado sob os exemplares ou de representantes comerciais exasperados: anteriormente segundo um pacto com a Beleza que ele se encarregou de perceber com seu necessário e compreensivo olhar, e de quem ele conhece as transformações.

O LIVRO, INSTRUMENTO ESPIRITUAL

Uma proposição que emana de mim – tão, diversamente, citada em meu elogio ou por censura – reivindico-a com aquelas que se comprimirão aqui – sumária quer, que tudo, no mundo, existe para culminar num livro.

As qualidades, requeridas nessa obra, por certo o gênio, me assustam, um em meio aos desnudados: não parar aí e, admitido o volume não comportar nenhum signatário, qual é ele: o hino, harmonia e alegria, como puro conjunto agrupado em alguma circunstância fulgurante, das relações entre tudo. O homem encarregado de ver divinamente, pela razão de que o laço, à vontade, límpido, só tem expressão no paralelismo, diante de seu olhar, de páginas.

Sobre um banco de jardim, onde tal publicação nova, regozijo-me se o ar, passando, entreabre e, ao acaso, anima, de aspectos, o exterior do livro: vários – a que, tanto o percebido jorra, ninguém desde que se lê, talvez pensou. Ocasião de fazê-lo, quando, liberado, o jornal domina, o meu, mesmo, que afastei, esvoaça perto de rosas, ciumento querendo cobrir seu ardente e orgulhoso conciliáculo: desdobrado em meio ao maciço, o deixarei, também as palavras flores em seu mutismo e, tecnicamente, proponho, notar como esse farrapo difere do

livro, ele supremo. Um jornal permanece o ponto de partida; a literatura aí se descarrega a desejo.

Ora/Ouro –

A dobradura é, em face da folha impressa grande, um índice, quase religioso; que não impressiona tanto quanto seu empilhamento, em espessura, oferecendo o minúsculo túmulo, certamente, da alma.

LIVRO
Y
JORNAL

Tudo o que a prensa encontrou se resume, sob o nome de Imprensa, até aqui, elementarmente no jornal: a folha diretamente, como recebeu impressão, mostrando, em primeiro grau, bruto, o escorrer de um texto. Esse emprego, imediato ou anterior à produção fechada, certamente, traz comodidades ao escritor, borrões jungidos ponta a ponta, provas, que exprimem a improvisação. Assim, estritamente, um “quotidiano” antes que à visão, pouco a pouco, mas de quem? pareça um sentido, na ordenação, e mesmo um encanto, diria de espetáculo feérico popular. Sigam – o topo ou *premier-Paris*, despreendimento, superior, através de mil obstáculos, atinge o desinteresse e, da situação, precipita e recalca, como que por um fogo elétrico, longe, após os artigos emergidos em seguida a ele, a servidão original, o anúncio, em quarta página, entre uma incoerência de gritos inarticulados. Espetáculo, certamente, moral – o que falta, com a façanha, ao jornal, para apagar o livro: mesmo que, visivelmente ainda, de baixo ou, antes, na base, o reate àquele uma paginação, pelo folhetim, exigindo a generalidade das colunas: nada, ou quase – se o livro tarda tal como é, um escoadouro, indiferente, onde se esvazia o outro... Até o formato, ocioso: e em vão, concorre esta extraordinária, como um voo recolhido mas prestes a se alargar, intervenção da dobradura ou o ritmo, inicial causa que uma folha fechada, contenha um segredo, o silêncio aí permanece, precioso e signos evocatórios sucedem, para o espírito, a tudo literariamente abolido.

Sim, sem o redobramento do papel e os lados de baixo que ele instala, a sombra esparsa em negros caracteres, não apresentaria uma razão para se espalhar como um arrombamento de mistério, à superfície, no afastamento erguido pelo dedo.

Jornal, a folha exposta, plena, empresta à impressão um resultado indevido, de simples maculatura: nenhuma dúvida que a utilitária e vulgar vantagem seja, à vista de todos, a multiplicação do exemplar e já zaja na tiragem. Um milagre premia esse benefício, no sentido alto ou [as palavras, originalmente, se reduzem ao emprego] dotado de infinitade a ponto de sagrar uma língua, das vinte e poucas letras – seu devir, tudo aí entra para logo surgir, princípio – aproximando de um rito a composição tipográfica.

O livro, expansão total da letra, deve dela tirar, diretamente, uma mobilidade e espaçoso, por correspondências, instituir um jogo, não se sabe, que confirme a ficção.

Nada de fortuito, aí, onde parece um acaso captar a ideia, o aparelho é o mesmo: não julgar, em consequência, esses propósitos – industriais ou tendo a ver com uma materialidade: a fabricação do livro, no conjunto que desabrochará, começa, desde uma frase. Imemorialmente o poeta soube o lugar desse verso, no soneto que se inscreve para o espírito ou sobre espaço puro. Por minha vez, conheço mal o volume e uma maravilha que intima sua estrutura, se não posso, cientemente, imaginar tal motivo em vista de um lugar especial, página e a altura, à orientação de luz a sua ou quanto à obra. Mais o vai e vem sucessivo incessante do olhar, uma linha terminada, à seguinte, para recomeçar: semelhante prática não representa a delícia, tendo imortalmente, rompido, uma hora, com tudo, de traduzir sua quimera. De outro modo, ou salvo execução, como de trechos sobre um teclado, ativa, medida pelas páginas – que não

se fecham os olhos a sonhar? Essa presunção nem subordinação fastidiosa: mas a iniciativa, cujo clarão está em qualquer um, emenda a anotação fragmentada.

Um solitário tácito concerto se dá, pela leitura, ao espírito que recupera, sobre uma sonoridade menor, a significação: nenhum meio mental, exaltando a sinfonia, faltara, rarefeito e é tudo – pelo fato do pensamento. A Poesia, próxima a ideia, é Música, por exceléncia – não consente inferioridade.

Eis, no caso real, que de minha parte, entretanto, a respeito de brochuras a ler segundo o uso corrente, brando uma faca, como o cozinheiro degolador de aves.

O redobramento virgem do livro, ainda, presta a um sacrifício pelo qual sangrou o corte vermelho dos antigos tomos; a introdução de uma arma, ou corta-papel, para estabelecer a tomada de posse. Quão pessoal mais adiante, a consciência, sem esse simulacro bárbaro: quando ela se fará participação, no livro tomado daqui, de lá, variado em árias, adivinhado como um enigma – quase refeito por si. As dobras perpetuarão uma marca, intacta, convidando a abrir, fechar a folha, segundo o mestre. Tão cego e pouco um procedimento, o atentado que se consuma, na destruição de uma frágil inviolabilidade. A simpatia iria ao jornal colocado ao abrigo desse tratamento: sua influência, não obstante, é inoportuna, impondo ao organismo, complexo, requerido pela literatura, ao divino alfarrabio, uma monotonia – sempre a insuportável coluna que as pessoas se contentam em distribuir, em dimensões de página, cem e cem vezes.

Mas...

– Entendo, *pode cessar de ser assim?* e vou, numa escapada, pois a obra, só ou preferivelmente, deve exemplo, satisfazer

ao detalhe da curiosidade. Por que – um jato de grandeza, de pensamento, ou de emoção, considerável, frase prosseguida, em grande caractere, uma linha por página na posição graduada, não manteria o leitor em alerta, a duração do livro, com apelo a seu poder de entusiasmo? ao redor, miúdos, grupos, secundariamente de acordo com sua importância, explicativos ou derivados – uma semeadura de floreios.

Afetação, de surpreender por enunciado, longínquo, a basbaquice; aquiesço, se muitos, que cultivo, não reparam, no instinto vindo de outra parte que os fez dispor seus escritos de maneira inusitada, decorativamente, entre a frase e o verso, certos traços semelhantes a isso, ora/ouro, querem-no isolado, seja, pelo renome de clarividência reivindicado pela época, em que tudo aparece. Um divulga sua intuição, teoricamente e, talvez bem, no vazio, como data: ele sabe, tais sugestões, que atingem a arte literária, devem-se entregar firmemente. A hesitação, no entanto, de tudo descobrir bruscamente o que não é ainda, tece, por pudor, com a surpresa geral, um véu.

Atribuamos a sonhos, antes da leitura, numa plateia, a atenção que solicita alguma borboleta branca, essa a uma só vez por toda parte, nenhuma parte, se esvanece; não sem que um nada de agudo e de ingênuo, a que reduzi o tema, agora mesmo tenha passado e repassado, com insistência, diante do espanto.

O MISTÉRIO NAS LETRAS

Puras prerrogativas estariam, desta vez, à mercê dos baixos farsantes.

Todo escrito, exteriormente a seu tesouro, deve, por consideração àqueles de quem empresta, afinal, para um objeto outro, a linguagem, apresentar, com as palavras, um sentido mesmo indiferente: ganha-se em desviar o ocioso, encantado de que nada lhe concirna, à primeira vista.

Saudação, exata, de uma parte e de outra –

Se, mesmo assim, não inquietasse não sei que espelhamento, embaixo, pouco separável da superfície concedida à retina – ele atrai a suspeita: os malinos, entre o público, exigindo acabar de uma vez, opinam, com seriedade, que, justo, o teor é ininteligível.

Infortúnio ridiculamente a quem cai sob o golpe, é envolvido numa zombaria imensa e medíocre: assim sempre